

RADIOFONIA

Respostas¹ a sete questões colocadas pelo Sr Robert Georjin para a radiodifusão belga, 1970.

QUESTÃO I

Nos Escritos você afirma que Freud antecipa, sem se dar conta, as pesquisas de Saussure e as do Círculo de Praga. Você pode se explicar sobre esse ponto?

RESPOSTA

Sua questão me surpreende por comportar uma pertinência que contrasta com as pretensões de “entrevista” que devo eliminar. É inclusive uma pertinência reduplicada – de preferência em dois graus. Você prova ter lido meus *Escritos*, o que aparentemente não se julga necessário para conseguir me entender. Você escolhe uma observação que implica a existência de um outro modo de informação distinta da mediação de massa: que Freud antecipa Saussure não implica que algum rumor tenha feito um tomar consciência disso mais que o outro.

De modo que ao citar-me (você), já respondi sua citação antes de me dar conta: é o que chamo surpreender-me.

Partamos do termo de chegada. Saussure e o Círculo de Praga produzem uma lingüística que não tem nada em comum com o que antes se designava com este nome; ela encontrou sua chave nas mãos dos estóicos – mas o que eles faziam dela?

A lingüística, com Saussure e o Círculo de Praga, se institui por um corte que é a barra colocada entre o significante e o significado, para que prevaleça aí a

¹ Destas respostas as quatro primeiras foram apresentadas pela RTB (3º. programa) em 5, 10, 19 e 26 de junho de 1970. Foram reapresentadas pela ORTF (France-Culture) em 7 de junho de 1970.

diferença por intermédio da qual o significante se constitui absolutamente, assim como efetivamente se ordena por uma autonomia que não tem nada a invejar aos efeitos de cristal: para o sistema do fonema, por exemplo, que é o primeiro êxito dessa descoberta.

Pensamos poder estender esse êxito a toda a rede do simbólico, não admitindo sentido senão ao que a rede responde, e devido à incidência de um efeito e não de um conteúdo.

Este é o desafio que se sustenta no corte inaugural.

O significado será ou não será cientificamente pensável segundo possua ou não um campo de significante que por seu próprio material se distingue de qualquer campo físico obtido pela ciência.

Isto implica uma exclusão metafísica a ser considerada como fato de de-ser (*desêtre*). Nenhuma significação será doravante considerada como óbvia: que seja claro quando é dia, por exemplo, assunto no qual os estóicos nos avançaram, embora eu já tenha interrogado: com que finalidade?

Se tivesse que violentar certas conotações da palavra, chamaria de semiótica toda disciplina que parte do signo tomado como objeto, porém para destacar que precisamente aí se faz obstáculo à apreensão do significante como tal.

O signo supõe alguém a quem ele faz signo de algo. É o alguém cuja sombra ocultava a entrada na lingüística.

Chamem esse alguém como queiram, isto será sempre uma besteira. O signo basta para que esse alguém se aproprie da linguagem como de uma simples ferramenta; eis aí a linguagem suporte da abstração assim como da discussão média, com todos os progressos do pensamento, da crítica à chave, como digo.

Teria que “antecipar” (retomando o sentido da palavra de mim à mim) o que espero introduzir sobre a grafia d’acoisa, d, apóstrofo, a, c, o, etc., para fazer sentir em qual efeito a lingüística toma posição.

Isso não será um progresso, de preferência, será uma regressão. É o que necessitamos contra a unidade de obscurantismo que já se solda com a finalidade de prevenir acoisa.

Ninguém parece reconhecer em torno de que se faz a unidade, e que na época de alguém em que se recolhia a “assinatura das coisas”, ao menos não se podia

contar com uma bobagem tão culta, para que se enganche a linguagem à função da comunicação.

O recurso à comunicação protege, se ousar dizer, a retaguarda do que caduca a lingüística, cobrindo o ridículo que aí reaparece *a posteriori* de seu fato. Suponhamo-la mostrar na ocultação da linguagem a figura do mito que é a telepatia. O próprio Freud se deixa levar por esse filho perdido do pensamento: que ela se comunica sem palavras. Ele não desmascara o rei secreto da corte dos milagres cuja limpeza inaugura. A lingüística permanece de tal modo colada ao pensamento de que ele (o pensamento) se comunica com a palavra. É o mesmo milagre invocado para que se “telepatize” com a mesma madeira com a qual se pactua: por que não o “diálogo” com o qual atraem os falsos jetons, inclusive os contratos sociais que eles esperam. O afeto está aí atento para selar essas efusões.

Todo homem (quem não sabe o que é isso?) é mortal (reunamo-nos nesta igualdade entre todas comunicável). E agora falemos de “todo”, é o caso de dizer, falemos em conjunto, escamoteando rapidamente o que há na cabeça dos silogistas (não de Aristóteles, digamos) que de um só coração (a partir dele) querem que a menor converta Sócrates em cúmplice. Pois resultaria afinal de contas que a morte se administra como o resto, por e para os homens, porém sem que estejam do mesmo lado no que concerne à telepatia que veicula uma telegrafia pela qual o sujeito desde então não deixa de embarçar-se.

Que esse sujeito seja de origem marcado de divisão, é daí que a lingüística ganha força mais além da brincadeira da comunicação.

Sim, isso obriga a ter o poeta na palma da mão. Pois o poeta se produz ao ser... (me permitam traduzir aquele que demonstra isso, meu amigo Jakobson, no caso) comido pelos versos [vermes] que encontram entre eles sua ordem sem preocupar-se, é evidente, quer o poeta saiba ou não. Donde a consistência em Platão do ostracismo com o qual castiga o poeta em sua *Republica*, e da viva curiosidade que mostra no *Crátilo* por essas besteirinhas que lhe parecem ser as palavras que se obstinam apenas em dar-se importância.

Vê-se até que ponto o formalismo foi imprescindível para sustentar os primeiros passos da lingüística.

Mas, de todo modo, ela foi “antecipada” pelos tropeços dos passos da linguagem, dito de outro modo, da palavra.

Que o sujeito não seja quem sabe o que diz, quando claramente alguma coisa é dita pela palavra que lhe falta, mas também pelo impar de uma conduta que ele crê ser sua, não resulta fácil situa-lo no cérebro, do que parece servir-se sobretudo porque dorme (aspecto que a neurofisiologia atual não desmente), eis aí evidentemente a ordem de fatos que Freud chama de o inconsciente.

Seja quem for que o articule em nome de Lacan diz que é isso ou nenhuma outra coisa.

Ninguém depois dele doravante pode deixar de lê-lo em Freud, e quem psicanalisa segundo Freud, deve ajustar-se a isso a menos que lhe pague pela escolha da besteira.

Desde então, ao enunciar que Freud antecipa a lingüística, digo menos do que se impõe, e que é a fórmula que libero agora: o inconsciente é a condição da lingüística.

Sem a erupção do inconsciente não há meio da lingüística sair do dia duvidoso com que a Universidade, em nome das ciências humanas, ainda faz eclipse à ciência. Coroada em Kazan pela devoção de Baudouin de Courtenay, sem dúvida haveria permanecido aí.

Mas a Universidade não dá sua última palavra, a converte em tema de tese: influencia do gênio de Freud sobre o gênio de Ferdinand de Saussure; demonstrar de onde veio a um o vento do outro antes que existisse o rádio.

Façamos de conta que não prescindíamos dela desde sempre para ensurdecer outro tanto.

E por que Saussure teria se dado conta, para tomar emprestado os termos de sua pergunta, melhor que o próprio Freud do que Freud antecipava, em particular a metáfora e a metonímia lacanianas, lugares onde Saussure *genuit* Jakobson.

Se Saussure não mostra os anagramas que decifra na poesia saturnina é porque estes diminuem a literatura universitária. A canalhice não o torna estúpido; porque ele não é analista.

Para o analista, ao contrário, participar dos procedimentos com os quais a ênfase universitária se veste, não lhe erra seu homem (há aí algo como uma

esperança) e o lança diretamente a uma mancada como a de dizer que o inconsciente é a condição da linguagem: trata-se aí de se fazer autor às custas do que eu disse, inclusive repisado, aos interessados: a saber, que a linguagem é a condição do inconsciente.

O que me faz rir do personagem é um estereótipo: a ponto de outros dois, para uso interno de uma Sociedade que sua bastardia universitária matou, ousaram definir a *passagem ao ato* e o *acting out* exatamente nos termos em que ao recorrer eu tinha expressamente oposto um ao outro, porém para simplesmente inverter o que atribuía a cada um. Modo, pensavam eles, de se apropriar do que ninguém soubera articular antes.

Se eu desfalecesse agora, não deixaria como obra mais do que esses rebotalhos escolhidos de meu ensino, com os quais tenho feito obstáculo à informação da qual dizer tudo é dizer que ela a difunde.

O que enunciei em um discurso confidencial, não tem deslocado menos a audição comum, a ponto de trazer-me um auditório que me dá prova de ser estável em sua enormidade.

Recordo-me do incômodo com que me interrogava um rapaz que se misturou, por se querer marxista, ao público de pessoas do Partido (o único) que havia afluído (sabe Deus por quê) à comunicação de minha “dialética do desejo e subversão do sujeito na psicanálise”.

Assinalei gentilmente (gentil como sou sempre) em seguida em meus *Escritos* o aturdimento com que esse público me respondeu.

Para ele, “você acredita realmente, me dizia, que basta ter produzido algo, ter inscrito letras no quadro-negro, para esperar um efeito?”

Entretanto, este exercício tem tido alcance, tive a prova, não apenas pelo refugo que um direito de meu livro suscitou – por ter obtido os fundos da Fundação Ford que motivam tais reuniões a passar a esponja, teriam então se encontrado incrivelmente secos para me publicar.

Ocorre que o efeito que se propaga não é de comunicação da palavra, mas de deslocamento do discurso.

Freud, incompreendido, inclusive por si próprio, por ter querido se fazer entender, é menos favorecido por seus discípulos do que por esta propagação: aquela

sem a qual as convulsões da história continuam sendo enigmas, como os meses de maio (*les mois de mai*) com os quais se confundem aqueles que se esforçam em tornarem-se servos de um sentido cuja dialética se apresenta como derrisão.